

Uma análise histórico-ambiental da região de Ouro Preto pelo relato de naturalistas viajantes do século XIX

Valdir Lamim-Guedes *

Resumo: A cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, sofreu grandes impactos ambientais durante o ciclo do ouro. A partir de relatos de naturalistas viajantes que passaram pela região de Ouro Preto no século XIX é possível fazer uma reconstrução das paisagens, especialmente no que se refere à degradação ambiental relacionada à extração de ouro e práticas agrícolas. Alguns viajantes que passaram pela região apresentam em suas obras descrições e comentários sobre o meio ambiente, por exemplo: Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), Wilhelm Ludwig von Eschwege (1777-1855), Johann Baptist Ritter von Spix (1781-1826), Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), Oscar Canstatt (1842-1912), Visconde Ernest Roussel de Courcy (1827-1897) e Richard Francis Burton (1821-1890). Eles deixaram relatos sobre impactos ambientais como desmatamento, fogo e assoreamento dos corpos d'água. Por outro lado, relatam uma natureza exuberante da região.

Palavras-chave: história ambiental; viajantes naturalistas; ciclo do ouro

Historical analysis of the environment, in Ouro Preto, according to the naturalists of the nineteenth century

Abstract: The city of Ouro Preto, Minas Gerais, underwent major environmental impacts during the gold cycle. From the reports of naturalists who traveled over the region of Ouro Preto in the nineteenth century it is possible to make a reconstruction of the landscape, especially with regard to environmental degradation related to gold mining and agricultural practices. Some travelers who passed through the region and present descriptions and commentaries on the environment are: Augustin Saint-Hilaire (1779-1853), Wilhelm Ludwig von Eschwege (1777-1855), Johann Baptist Ritter von Spix (1781-1826), Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), Oscar Canstatt (1842-1912), Viscount Ernest Roussel de Courcy (1827-1897) and Richard Francis Burton (1821-1890). They left reports of some environmental impacts such

* Mestrando do curso de Pós-Graduação em Ecologia de Biomas Tropicais, Universidade Federal de Ouro Preto. Endereço: Rodovia MG-158, Km 08, nº. 755, Bairro Ponte Alta, Itanhandu, MG. CEP: 37464-000. E-mail: dirguedes@yahoo.com.br

as deforestation, fire and siltation of water masses. On the other hand, some parts of their works report an exuberant nature in some parts of the region.

Key-words: environmental history; naturalist travelers; gold cycle

1 INTRODUÇÃO

1.1 História ambiental e história da ecologia: percursos comuns

O ramo da História que visa trabalhar a relação homem-natureza é chamado História Ambiental. Segundo Marcos Lobato Martins, a História Ambiental tem como objetivo colocar a sociedade na natureza (Martins, 2007, p. 22). Dito de outra forma, ela quer conferir às “forças da natureza” o *status* de agente condicionador ou modificador da cultura, atribuir aos componentes naturais “objetivos” a capacidade de influir significativamente sobre os rumos da história.

A história da região de Ouro Preto se confunde com a história da degradação ambiental que a região passou, sendo que as características ambientais determinaram o processo de descoberta, povoamento, desenvolvimento e decadência econômicos.

Metodologicamente, uma análise regional da degradação ambiental é aceitável em História Ambiental. Segundo Martins, esta disciplina trabalha com regiões que apresentem alguma homogeneidade ou identidade natural, cuja definição pouco deve à recortes político-territoriais que lhes servem de base, como importam, por exemplo, para a história política, econômica e social, mais convencionais (Martins, 2007, p. 23). Um fator que deve ser ressaltado é o aspecto interdisciplinar da História Ambiental, pois ela depende de informação de diversas ciências naturais como, por exemplo, Botânica, Zoologia e Ecologia, assim como, das Ciências da Terra (Geologia, Mineralogia e Geografia). Além dessas, também utiliza informações provenientes da História da Biologia para uma compreensão adequada dos relatos apresentados pelos naturalistas.

Dessa forma, a História Ambiental é um ponto de interseção entre a Biologia e a História, sobretudo quando se trabalha com uma análise abrangente dos processos históricos que uma sociedade ou região passou ou passa, pois será muito improvável descartar influências ambientais sobre esses processos.

A História Ambiental faz releituras de relatos de viagens, de do-

cumentos originais do período de estudo, de obras literárias e artísticas. Reexaminando essa massa documental variada, os pesquisadores podem obter informações sobre o meio ambiente e sobre as relações do homem com a natureza, concernentes a diversos períodos da história.

Para conhecer a história da degradação ambiental na região de Ouro Preto no século XIX, os relatos dos viajantes naturalistas são uma fonte importante de informação. Muitos desses naturalistas tinham uma visão abrangente do homem e do ambiente, decorrente da pequena divisão em disciplinas da ciência naquela época. Nos relatos sempre há menções a costumes, características populacionais, aspectos geológicos e zoológicos e, muitas vezes, sobre a vegetação.

1.2 Viajantes naturalistas

Após a vinda da Família Real portuguesa para o Brasil, e com a chamada “abertura dos portos às nações amigas” (1808), abriu-se a possibilidade de estrangeiros virem ao Brasil. A partir de 1809, os interesses internos e externos convergiram para as pesquisas, como uma forma de conhecer as potencialidades do país, com o intuito de poder melhor explorá-lo (Leite, 1996, p. 50).

Buscando um aproveitamento mais intenso, rápido e eficaz dos recursos humanos e materiais oferecidos pelas diversas partes do planeta, os pesquisadores produziram conhecimentos capazes de identificá-los e avaliá-los, oferecendo parâmetros para repensar as relações entre a Europa e os outros continentes (Miranda, 2008, p. 2). Nas instruções de viagens científicas das academias européias, por exemplo, transparecia a preocupação em recolher e aclimatar plantas de lugares distantes, atividades que seriam úteis para o comércio das grandes potências ou, como ocorreu com a batata, que ajudariam a resolver o problema da fome dos pobres da Europa (Kury, 2001).

A seguir estão apresentados viajantes que passaram pela região de Ouro Preto e que suas obras foram utilizadas neste trabalho:

Wilhelm Ludwig von Eschwege (1777-1855), alemão, de 1802 a 1829 e de 1835 a 1836 esteve a serviço da coroa portuguesa, realizando, em Portugal e no Brasil, trabalhos relativos a minas e metalurgia (Ferri, 1979). A obra de Eschwege é conhecida e reconhecida no Brasil, sobretudo por seu *Pluto brasiliensis*, uma sinopse da geologia econômica, tratando preferencialmente do ouro e dos diamantes, suas

descobertas, mineração e legislação (Renger, 2005, p. 92). Eschwege, durante todo o tempo que permaneceu no Brasil, dedicou-se a pesquisas geológicas, especialmente em Minas Gerais, e ao aproveitamento de recursos minerais, como ferro e diamante (Ferri, 1979).

Oscar Canstatt (1842-1912), alemão, veio ao Brasil em 1868 para servir ao Estado Português, como técnico no campo da Agronomia, servindo na Comissão Imperial de Agrimensura. Visitou Salvador, Recife e Rio de Janeiro, além do interior de São Paulo e Minas Gerais e, por fim, regiões do Sul do Brasil, passando por cidades como Curitiba, Blumenau e São Leopoldo. Teve oportunidade, portanto, de um contato direto com os brasileiros que vinham de formação étnico-cultural em que entravam portugueses, indígenas e negros africanos. Na obra *Brasil: terra e gente (1871)*, tem-se um retrato do Brasil em muitos dos aspectos mais íntimos de seu povo, na simplicidade de sua conduta, nos seus modos de viver e de conviver (Reis, 2002).

Visconde Ernest Roussel de Courcy (1827-1897), tenente-coronel francês, pertencente a família de nobres de Paris. Publicou em 1889 *Six semaines aux mines d'or du Brésil: Rio Janeiro, Ouro Preto, Saint-Jean del Ré, Petrópolis...* (*Seis Semanas nas Minas de Ouro do Brasil: Rio de Janeiro, Ouro Preto, São João del Rei, Petrópolis...*), obra em que relata viagem realizada por essas regiões em 1886, contendo ilustrações próprias. O autor comenta sobre as minas de ouro visitadas, seus habitantes e os costumes da região (Libby, 1997).

Richard Francis Burton (1821-1890), britânico, na década de 1860 ingressou no serviço diplomático britânico, tendo exercido suas atividades diplomáticas no Brasil e em outros países. Escreveu *The Highlands of the Brazil*, do qual uma parte foi publicada em português sob o nome de *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*. Viajou largamente pelo nosso país e Paraguai (Ferri, 2001).

Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), francês, esteve no Brasil de 1816 a 1822, viajou pelo Espírito Santo, Rio de Janeiro, Goiás, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em suas numerosas, extensas e demoradas viagens pelo nosso país, fez preciosas coleções, especialmente de plantas e animais. Todavia, não se limitou, em suas observações, ao campo das Ciências Naturais. Coligiu inúmeros dados importantes para a Geografia, a História e a Etnografia. De suas numerosas obras sobre o nosso País, a *Flora Brasiliae meridionalis* é uma das mais importantes, publicada de 1824 a 1833, com a ajuda de

colaboradores. Levou para a Europa um herbário de 30.000 espécimes abrangendo mais de 7.000 espécies de plantas, das quais mais de 4.500 eram espécies novas, com muitos gêneros novos descritos por Saint-Hilaire (Ferri, 1974).

Os Alemães Karl Friedrick Philipp von Martius (1794-1868) e Johann Baptiste von Spix (1781-1826), Botânico e Zoólogo, respectivamente. Permaneceram no Brasil de 1817 à 1820, tendo viajado por cerca de dez mil quilômetros. Partiram do Rio de Janeiro, seguindo para o norte pela Mata Atlântica, com a intenção de explorar o interior, pois o litoral já era mais conhecido. Exploraram diversas localidades do território brasileiro, incluindo São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Piauí, Maranhão, Pará e Amazonas. Destas andanças foi publicado, entre outras obras, *Viagem pelo Brasil*. O material por eles recolhido permitiu que fossem elaboradas diversas obras de cunho naturalista sobre o Brasil, entre elas a monumental *Flora Brasiliensis* editada por von Martius e colaboradores, com identificação de mais de 20 mil espécies de plantas de nossas florestas, até hoje utilizada como obra de referência científica no ensino e pesquisa em botânica (Vogt, 2006; Silva, 2006; Guimarães & Oliveira, 2006).

2 OURO PRETO E REGIÃO: DESCOBERTA DO OURO, POVOAMENTO E DECADÊNCIA

Até o final dos anos de 1600, a região de Ouro Preto era apenas um acidentado território de serras coberta por uma fechada floresta, habitada por esparsas tribos indígenas.

Apesar de terem encontrado ouro em alguns locais no Brasil antes de 1695, apenas nesse ano, a descoberta de ouro, no rio das Velhas, próximo às atuais Sabará e Caeté, Minas Gerais, gerou um processo de extração (Fausto, 2008, p. 52). Segundo Fausto, a corrida do ouro provocou a primeira grande corrente imigratória portuguesa para o Brasil. Durante os primeiros sessenta anos do século XVIII, chegaram de Portugal e das ilhas do Atlântico cerca de 600 mil pessoas.

O povoamento de Minas Gerais se deu, em primeiro lugar, orientada pelas trilhas desbravadas pelos paulistas (Goulart, 2009, p. 23). A primeira vila foi Arraial do Ribeirão do Carmo (1696), atual cidade de Mariana. Logo em seguida, surgiu Ouro Preto (1698), chamada inici-

almente Arraial do Tripuí e depois Vila Rica, antes de receber seu nome definitivo.

Vila Rica em poucos anos tinha cerca de 20 mil habitantes e, algumas décadas depois, a cidade chegou a abrigar 80 mil pessoas (Goulart, 2009, p. 31). Vila Rica foi por um tempo a maior cidade das Américas, com Nova York possuindo menos da metade desse número de habitantes e a vila de São Paulo com oito mil habitantes. Entre 1700 e 1822 as principais regiões produtoras de ouro foram Minas Gerais (de longe a mais importante), Goiás, Mato Grosso e São Paulo (Pinto, 2000, p. 29).

As grandes descobertas de ouro e diamante no Brasil do século XVIII foram as mais importantes ocorridas no Novo Mundo Colonial. De 1700 a 1800, 1 milhão de quilos de ouro foram oficialmente registrados e talvez outro milhão tenha escapado ao fisco real (Dean, 1996, p. 108). A população e os recursos locais fluíram para as áreas auríferas, que se situavam em pleno sertão, ao longo da fronteira interna da mata Atlântica (Dean, 1996, p. 108). O auge da extração de ouro ocorreu por volta de 1750-1760.

A partir de 1780 a antiga Vila Rica começou a passar por um processo de retração socioeconômica, causada pela queda na produção de ouro, geralmente sendo descrita como uma cidade triste ou feia, um pouco por causa das condições climáticas (névoa, chuva, baixa temperatura), mas também pela presença de casas abandonadas. No entanto, as condições ambientais causadas pela extração do ouro também tiveram certo peso nesta avaliação negativa da região, como será apresentado a seguir.

2.1 O ambiente como determinante da história da região de Ouro Preto

O relevo acidentado e a vegetação fechada retardaram a colonização da região de Ouro Preto. Saint-Hilaire comenta sobre a escolha do local no qual foi construída Ouro Preto:

A grande quantidade de ouro que se encontrou em Vila Rica foi a única causa de sua fundação. Seria, aliás, impossível escolher posição menos favorável, pois que essa vila está afastada dos portos de mar e mais afastada ainda de qualquer tipo de rio navegável; as mercadorias só podem chegar aí em animais de carga, e seus arredores são completamente estéreis. (Saint-Hilaire, [1830], 2000, p. 69)

Descreve a cidade, destacando características que eram marcas do processo de decadência econômica e redução populacional:

Contam-se em Vila Rica cerca de duas mil casas. Essa vila floresceu enquanto os terrenos que a rodeiam forneciam ouro em abundância; à medida, porém, que o metal foi se tornando raro ou de extração mais difícil, os habitantes foram pouco a pouco tentar fortuna em outros lugares, e, em algumas ruas, as casas estão quase abandonadas. A população de Vila Rica que chegou a ser de 20 mil almas, está atualmente reduzida a 8 mil, e essa vila estaria deserta ainda se não fosse a capital da província, a sede da administração e a residência de um regimento. (Saint-Hilaire, [1830], 2000, p. 69 e 70)

Nessa mesma obra, Saint-Hilaire descreve Ouro Preto, como uma cidade mal cuidada e melancólica, “A cor parda dos tetos cujas abas avançam bastante além das paredes pardacentas das casas, e as gelosias de um vermelho carregado, contribuem para a maior melancolia da paisagem” (Saint-Hilaire, [1830], 2000, p. 70-71). Muito dessa impressão deve-se a marcas deixadas pela atividade mineradora avistada às margens das estradas e em torno da cidade. Como relata Saint-Hilaire passando pelo caminho de Ouro branco para Ouro Preto¹: “seguimos o vale, vimos uma série de terrenos de onde se extraiu ouro, e onde o solo esburacado, a ausência de vegetação, e montes de cascalho esparsos dão à paisagem um ar de tristeza” (Saint-Hilaire, [1830], 2000, p. 67).

A decadência das minas de ouro e diamantes do Brasil colonial (segunda metade do século XVIII e século XIX), teve várias causas que Guimarães menciona serem principalmente de cunho econômico no caso dos dois recursos (perda de valor do ouro e diamante nos mercados internacionais) e, no caso do ouro, de natureza técnica também (baixos teores e difíceis condições geológicas das minas) (Guimarães *apud* Pinto, 2000, p. 35). Aquele autor relega para segundo plano, no caso do ouro, outras causas técnicas (primitivismo da mineração) e econômicas (falta de investimento nas minas auríferas) (Pinto, 2000, p. 35).

Esse ponto de vista, da decadência da extração de ouro causada por razões econômicas, não deixa explícito que dois fatores ambien-

¹ Distantes cerca de 30 quilômetros.

tais podem ser considerados a causa inicial do problema. A perda de valor do ouro foi advinda do excesso deste metal no mercado internacional, devido à sua extração com técnicas primitivas e a um baixo custo nas colônias de exploração da América e da África, que apresentavam grandes reservas, causando uma grande oferta deste metal. Desta forma, a abundância do metal muitas vezes colocou poucos impedimentos para a sua extração, mesmo usando-se técnicas primitivas.

Em um primeiro momento, o ciclo do ouro foi impulsionado pela facilidade de extração, no entanto, as técnicas primitivas acabaram por assorear os corpos d'água, praticamente impedindo a retirada do ouro. E as galerias de fácil acesso, no caso do ouro retirado de veios auríferos localizados nos morros, foram esgotadas e no Brasil não havia tecnologia disponível para continuar a extração. Assim dificuldades impostas pelo modo como o homem explorou o ambiente primariamente desencadearam impactos econômicos que levaram a decadência da região aurífera.

3 A EXPLORAÇÃO DO OURO E A DEGRADAÇÃO AMBIENTAL

A corrida pelo ouro no século XVIII, nas regiões de Goiás, Mato Grosso e, especialmente, Minas Gerais, modificou a floresta e degradou seu solo. Provocou uma intensa e devastadora destruição da natureza. A degradação, até então restrita à região costeira, avançou para o sertão (Marcondes, 2005, p. 55).

O ouro, por sua vez, era encontrado no sopé das montanhas, na argila e no leito de riachos. As riquezas minerais estavam escondidas na floresta nativa, sendo necessário queimá-la para a exploração. Em seguida, os rios eram desviados em direção das encostas para lavar o solo e se encontrar os metais preciosos. As montanhas eram desbarancadas, misturadas à água, formando uma lama que destruiu rios e espécies aquáticas. (Marcondes, 2005, p. 56)

Foram empregadas nesse período três técnicas para extração de ouro: a catação direta nos leitos dos corpos d'água, com o uso de bateia; a lavagem de terrenos, no caso de morros e das margens dos rios, para obtenção de uma mistura de lama e areia da qual poderia

ser retirada ouro; e a extração a partir de galerias, seguindo os veios de ouro.

A caracterização e críticas à degradação ambiental existente em obras do século XIX estão relacionadas a uma visão utilitarista da natureza. Por exemplo, segundo Doula e Costa, o desencanto na obra do Barão von Eschwege com o Brasil, após morar alguns anos aqui, deve-se ser analisado como produto de uma visão utilitarista da natureza, sendo a paisagem intocada sinônimo de desperdício e ausência de trabalho (Doula e Costa, 2004, p. 8).

A mais graciosa das paisagens não satisfaz quando não se vê nela sinal de atividade humana. Há séculos adornada daquele modo pela natureza, ricamente dotada como poucas, desperta, quando quase nunca pisada por pés humanos, a mesma melancolia de uma casa belamente construída que jamais foi habitada, ou cujos habitantes já faleceram há longo tempo. (Eschwege, [1824], 2000, p. 69)

Desta forma, a degradação ambiental é vista por Eschwege, não pela ótica da conservação dos recursos naturais, e sim pelo uso de técnicas pouco eficientes na extração de ouro.

3.1 Degradação dos corpos d'água e do solo

A degradação ambiental era intensa, sendo um fator que ressaltava uma visão negativa sobre Ouro Preto e dificultava a continuidade da extração mineral, com muitas áreas desflorestadas, utilização de queimadas e assoreamento dos rios, conseqüências da extração predatória do ouro, com baixa tecnologia, como Eschwege observou:

Revolvendo-se freqüentemente as cabeceiras dos rios, estas se carregam cada vez mais de lama, a qual se foi depositando sobre a camada rica, alcançando de ano para ano maior espessura, tal como vinte, trinta e até mesmo cinqüenta palmos. Por este motivo, as dificuldades tornaram-se tão grandes, que não se pode mais atingir o cascalho virgem. (Eschwege, [1833], 1979a, p. 168)

O Visconde Ernest de Courcy comenta sobre o isolamento existente entre Ouro Preto e Mariana, no início do século XVIII, sendo que a existência de uma outra povoação (Ouro Preto, nesse caso) foi possível de ser cogitada pelos Marianenses pelo fato do Ribeirão do Carmo apresentar-se barrento, por causa de atividade de mineração a

montante. Nesta época, o Ribeirão do Carmo era chamado de Ribeirão Vermelho, justamente por causa da coloração de sua água.

Em 1711 criou-se a Vila Rica de Ouro Preto. Não longe daí, um outro grupo de mineradores instalou-se nas margens do ribeirão do Carmo. Foi o começo da cidade de Mariana [...]. Embora a distância entre as duas cidades seja apenas 12 quilômetros em linha reta, elas se ignoraram por muito tempo, por causa das montanhas cobertas de espessas e impenetráveis florestas virgens que as separavam. Mas as águas do ribeirão do Carmo, turvadas pela lavagem de ouro que se fazia em Ouro Preto, revelaram sua existência aos habitantes de Mariana, situada a jusante do rio. (Courcy, [1889], 1997, pp. 77-78)

O efeito desse tipo de mineração foi o de substituir a floresta por charnecas esburacadas (Dean, 1996, p. 114). “Por todos os lados, tínhamos sob os olhos os vestígios aflitivos das lavagens, vastas extensões de terra revolvida e montes de cascalho”, relatava o botânico francês Auguste de Saint-Hilaire quando atravessou a estrada ao norte de Ouro Preto, na segunda década do século XIX (Saint-Hilaire, [1830], 2000, p. 75). Chegando a um vale “de tal modo sombrio que, comparado a ele, a região que acabávamos de atravessar poderia passar por risonha”, contemplou colinas cobertas por uma turfa acinzentada e estéril, onde os mineradores haviam despojado a terra de vegetação, uma nódoa vermelho-escura de argila.

O volume total de ouro obtido durante o século XVIII teria revirado quatro mil km² da região da Mata Atlântica. Isso sugere a destruição de cerca de 20 % da faixa aurífera que se estendia por 450 quilômetros entre Diamantina e Lavras [Minas Gerais], em uma faixa de largura variável, a cerca de trinta quilômetros a leste da linha da crista do maciço e cerca de quinze quilômetros a oeste. (Dean, 1996, p. 115)

3.2 Degradação da vegetação

Warren Dean comenta no livro *A Ferro e Fogo* que era inevitável que uma população mais numerosa, uma atividade econômica mais intensa, o aumento da vigilância governamental e a rivalidade europeia afetassem a integridade das florestas brasileiras (Dean, 1996, p. 109). Os impactos sobre as florestas na região de Ouro Preto começam com a descoberta do ouro, árvores eram cortadas para expor o

solo das margens dos rios para a extração do ouro de aluvião e construção dos vilarejos. Isto se agrava com o apogeu do ciclo de extração do ouro, por causa, do aumento do contingente populacional, que dependia de madeira para as construções e de lenha, outros impactos foram o desmatamento para a abertura de estradas e para a plantação de roças para suprir a população com gêneros alimentícios, isto é, milho, mandioca e feijão, basicamente.

Essas pressões não se reduziram com o declínio da produção de ouro e diamante na metade do século XVIII, em parte, porque, por longo período, a diminuição da produtividade quase não reduziu a atividade mineradora. E por outro lado, quando os garimpeiros finalmente desistiram de extrair ouro e adotaram a lavoura e a pecuária, estenderam seus domínios cada vez mais para o interior da floresta ainda intocada (Dean, 1996, p. 109).

O século XVIII, então, representou o início de uma tendência irreversível e cumulativa na exploração da Mata Atlântica, que pode ser observada pelos viajantes naturalistas no século XIX e ficou registrada em suas memórias. “Hoje não há mais vestígios dessas matas imensas, tudo foi queimado, cortado, devastado pelos primeiros mineradores, e as montanhas que separam Mariana e Ouro Preto são agora áridas e desoladas” (Courcy, [1889], 1997, p. 78).

A manutenção da situação ambiental na região estava muito relacionada ao uso do fogo e pela permanência da vegetação degradada em estágios iniciais de sucessão ecológica. Dois relatos sobre estes fatos são: “cobertos de vegetação de porte médio, à qual, para facilitar a travessia, pusemos fogo [...] em poucas horas toda a região estava em chamas e a atmosfera saturada de espessa fumaça” (Eschwege, [1833], 1979b, p. 178); “Encontram-se apenas poucas roças, mas grandes extensões de queimadas abandonadas, que se cobriram de samambaias” (Spix & Martius, 1975, p. 218). Além desses, também aparece em Saint-Hilaire:

Todas as montanhas [...] são cobertas de arbustos densos e de um verde sombrio, incessantemente cortados pelos negros para as necessidades dos moradores. Esses arbustos substituem as florestas virgens que os primeiros mineradores haviam queimado para descobrir a região e em alguns lugares para plantar o milho. (Saint-Hilaire, [1833], 1974, p. 85)

4 A PAISAGEM *SELVATICAMENTE ROMÂNTICA* E ELEMENTOS DA FLORA

Apesar da grande degradação, em vários locais existia uma vegetação em diferentes níveis de regeneração. Viajando de Ouro Branco para Ouro Preto, Oscar Canstatt comenta sobre a vegetação de campo-rupestre, “a região era selvaticamente romântica, e, se a flora não fosse tão inteiramente diferente, ter-se-ia a impressão de estar num pedacinho da Suíça” (Canstatt, [1877], 2002, p. 350). Richard Burton, viajando de Mariana a Ouro Preto, comenta sobre a monotonia da paisagem: “a região tem aquela beleza monótona, primitiva e selvagem [...] a beleza selvagem, a magnificência da floresta virgem, a graça uniforme da segunda vegetação” (Burton, [1869], 2001, p. 401).

O esplendor das matas – paisagem – era muito apreciado para ser visto a distância. Por causar grandes dificuldades às viagens, como a possibilidade de ataques por feras e saqueadores ou pela escuridão dentro da mata, as matas perdem a preferência dos viajantes para os campos, como se nota, por exemplo, nesta descrição feita por Spix e Martius, no caminho entre Ouro Branco e Ouro Preto: “Chegando das matas virgens tenebrosas das baixadas para esses campos livres e abertos, como se reanima o espírito do viajante!” (Spix e Martius, [1823], 1975, p. 198).

Ainda estes dois viajantes, no caminho entre Ouro Preto e Mariana, relatam:

Pouco a pouco, foi-se fechando a perspectiva cada vez mais; passávamos junto de profundos, pavorosos abismos, cobertos de densa vegetação, e vindo de campos claros, nos vimos de repente de novo na escuridão do mato. Densas grinaldas de lianas, com cortinas de flores de todos os matizes, ligam árvores gigantescas umas às outras, entre as quais se elevam fetos escamosos, formando majestosas alamedas verde-escuras e frescas, que trespassa o viajante, num enlevo solene, interrompido apenas pelos gritos estridentes dos papagaios, o martelar do pica-pau ou os urros dos monos. (Spix & Martius, [1823], 1975, p. 218)

Apesar desses relatos de áreas florestadas dos arredores de Ouro Preto, esta era uma área povoada. Por ali existiam muitos artistas como, por exemplo, Antônio Francisco Lisboa (1730-1814), o Aleijadinho, muitos monumentos como igrejas, teatros (Casa da Ópera, em

Ouro Preto, entre outros) e palácios. A região era tomada em contraposição ao sertão, visto como um local desabitado e ainda a ser “humanizado” pelos europeus (Miranda, 2008). A seguir está uma descrição de Saint-Hilaire da comarca de Paracatu, no Oeste mineiro, uma região na qual ocorreu exploração de ouro, mas que permanecia bastante desabitada, sobretudo pela decadência do ciclo do ouro.

A Comarca de Paracatu não passa, pois, de um imenso deserto. [...] É de supor, porém, que esse trecho do sertão seja ainda menos civilizado do que o que eu havia percorrido na margem direita do São Francisco, já que se acha muito afastado do que se pode considerar como os centros civilizados da Província de Minas². [...] Creio poder afirmar, entretanto, que os habitantes da região que atravessei para chegar a essa cidade [Paracatu] são constituídos pela escória da Província de Minas. (Saint-Hilaire, [1847-1848], 1975, p. 118)

A preferência dos viajantes por áreas de campo fica clara em algumas passagens, como, por exemplo, quando Spix e Martius, descrevendo campos próximos a cidade de Congonhas do Campo, ressaltam a beleza do caminho:

Toda a natureza era fresca e renovada. Cavalgávamos com alegre disposição na neblina matinal, e aspirávamos o fino e fresco perfume, que pairava no ar, de lindas flores alpestres, recém-abertas ao nosso lado nas campinas, aljofradas de orvalho. As mais diversas formas de réxias, melastomatáceas, decliêuxias, lisiantas, compostas, etc., nos circundavam. [...] Uma quantidade de anus brancos, próximos de nós, faziam ressoar pelos campos o seu vozeiro agudo. Esta manhã ofereceu-nos um esplêndido espetáculo: gozamos de um nascer do sol semelhante aos nossos Alpes, porém embelezado pela riqueza e encanto a da natureza tropical. (Spix & Martius, [1823], 1975, p. 196 e 197)

Os mesmos naturalistas, nas proximidades da Serra do Caraça, na Estrada Real, descrevem elementos da vegetação ressaltando a diversidade de espécies.

O naturalista fica em contínuo encanto pela riqueza deste esplêndido vale serrano. Incríveis são a variedade e beleza das plantas daqui. Es-

² Ouro Preto, Mariana, São João del Rei, entre outras cidades.

pecialmente numerosos e característicos nesta montanha, assim como em outras, de xisto quartzítico, são os membros das famílias de Melastomáceas, Crótons, Malpíghias, Compostas e das Liliáceas troncudas de grandes flores. Nos pastos pantanosos e nas margens relvosas de uma lagoa fechada por bosque coberto de flores, ostentam-se em volta as mais encantadoras formas de Hidrocotíleas, Dróseras, Andrômedas, Gaultérias, Utriculárias, Sauvagésias, Eriocauláceas, etc. (Spix & Martius, [1823], 1975, p. 249)

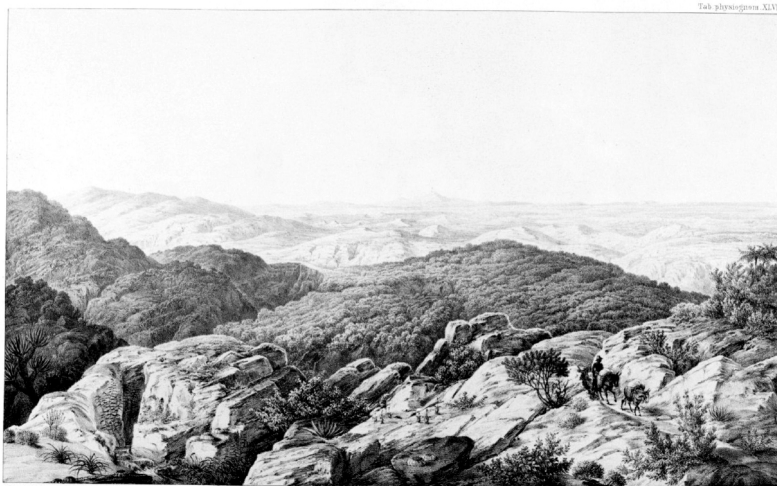


Figura 1. Serra de Ouro Branco, Ouro Branco – Minas Gerais³. Fonte: Disponível em <www.florabrasiliensis.cria.org.br>. Acesso em 20 de abril de 2010.

Algumas espécies são descritas detalhadamente, por exemplo, plantas do gênero *Vellozia*, conhecidas como canelas-de-ema, sobre as quais Spix e Martius se dizem “especialmente maravilhados” ao ver algumas plantas na Serra de Ouro Branco (Figura 1).

Ficamos, porém especialmente maravilhados, quando subimos o íngreme Morro de Gravier, continuação da Serra de Ouro Branco, ao

³ A cidade de Ouro Branco é vizinha a Ouro Preto. Estas duas cidades são ligadas pela Estrada Real. Legenda no original: Prospectus in Prov. Mínarum montuosam regionem, e serra de Ouro Branco caurum versus. Obra: *Flora Brasiliensis*. Vol. I, Part I, Prancha 46.

avistarmos os lírios arbóreos, cujos caules fortes e nus, bifurcados nuns poucos galhos, muitas vezes terminados com um tufo de folhas compridas, com as queimadas dos campos: carbonizadas na superfície são umas das maravilhosas formas do mundo das plantas. Ambos os gêneros que eles formam, *Barbacenia* e *Vellosia*, são chamados no país canela-de-ema. (Spix & Martius, [1823], 1975, p. 198)

5 CRÍTICAS AO DESMATAMENTO

Em alguns relatos fica o lamento dos viajantes em relação à destruição das florestas:

É aí [nas florestas] que a natureza mostra toda a sua magnificência, é aí que ela parece se desabrochar na variedade de suas obras; e, devo dizer com pesar, essas magníficas florestas foram muitas vezes destruídas sem necessidade. (Saint-Hilaire, [1833], 1974, p. 52)

Os mineradores evitavam derrubar a floresta das cabeceiras dos riachos que estavam explorando (rara medida de conservação). Desse modo, as matas nativas permaneceriam intocadas nas nascentes dos rios. Porém, tal medida tinha uma razão de ser: a água constituía instrumento indispensável para a atividade da mineração (Marcondes, 2005, p. 56).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A degradação ambiental aparece nos relatos dos viajantes naturalistas distribuída no texto, junto com a caracterização biótica, abiótica, aspectos culturais e infra-estrutura regional. Alguns naturalistas já observavam esta degradação como um fator que colocava em risco o desenvolvimento da colônia, entre eles se destacam o Barão von Eschwege e Saint-Hilaire. Nos relatos existem menções a tecnologias mais adequadas, sobretudo relacionadas a avanços tecnológicos. Por outro lado, a exaltação da natureza brasileira é uma temática recorrente nos relatos.

O panorama histórico que pode ser construído a partir dos relatos dos viajantes naturalistas pode ser contraposto ao atual. Neste sentido, a situação da degradação ambiental em Ouro Preto é semelhante ao da época dos viajantes oitocentistas pelo fato de existir um mosaico formado por áreas degradadas e outras em melhor estado de con-

servação. Ainda é possível uma reflexão sobre o fato de que a geração de renda baseada na degradação ambiental não foi sustentável, e dificilmente será agora. O esgotamento dos recursos minerais reforça a necessidade de preservar as riquezas arquitetônicas, culturais e naturais de Ouro Preto e região, fazendo deste patrimônio um fator de geração de renda, desvinculando o desenvolvimento da região da extração mineral.

Os relatos dos naturalistas são fonte importante de informações históricas, biológicas e ambientais. Ressalta-se a relevância dessa massa documental nas áreas de pesquisa da História da Biologia, e da História Ambiental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BURTON, Richard. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho* [1869]. Trad. David Jardim Júnior. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001.
- CANSTATT, Oscar. *Brasil: terra e gente, 1871* [1877]. Trad. e notas de Eduardo de Lima e Castro. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.
- COURCY, Visconde Ernest de. *Seis semanas nas minas de ouro do Brasil*. [1889]. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1997.
- DEAN, Warren. *A ferro e fogo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DOULA, Sheila Maria; COSTA, Maria Fernanda de Aguiar. Ciência, natureza e crítica ambiental na obra do Barão de Eschwege: o Brasil sob o olhar de um mineralogista do século XIX. *Revista Estudos Avançados Interativos*, **3** (5): 1-10, 2004.
- ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von. *Pluto Brasiliensis* [1833]. Vol. 1. Trad. Domício de Figueiredo Murta. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979 (a).
- . *Pluto Brasiliensis* [1833]. Vol. 2. Trad. Domício de Figueiredo Murta. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979 (b).
- . *Brasil, novo mundo* [1824]. Trad. Myriam Ávila; Introdução e notas Friedrich K. Renger. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2000. (Volume 2)

- FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- FERRI, Mário Guimarães. Prefácio. Pp. 9-10, *in*: SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil* [1833]. Trad. Leonam de Azevedo Penna. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974.
- . Prefácio. P. 11, *in*: ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von. *Pluto brasiliensis* [1833]. Vol. 1. Trad. Domício de Figueiredo Murta. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- . Apresentação: Quem é Richard F. Burton. Pp. 13-16, *in*: BURTON, Richard. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho* [1869]. Trad. David Jardim Júnior. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001.
- GUIMARÃES, José Epitácio Passos. *Epítome da história da mineração*. São Paulo: Art Editora/Secretaria de Estado da Cultura, 1981.
- GUIMARÃES, Maria; OLIVEIRA, Mariella. Von Martius: viajante-naturalista-historiador. *Comciência*, 77, 10 jun. 2006. Disponível em <<http://www.comciencia.br>>, acesso em julho de 2009.
- KURY, Lorelai. Entre utopia e pragmatismo: a história natural no Iluminismo tardio. Pp. 122-127, *in*: SOARES, Luiz Carlos (org.). *Da revolução científica à big (business) science*. São Paulo: Hucitec; Niterói: Eduff, 2001.
- LEITE, Ilka Boaventura. *Antropologia da viagem: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 1996.
- LIBBY, Douglas Cole. Impressões de um Visconde francês sobre o Brasil no crepúsculo do Império. Pp. 13-23, *in*: COURCY, Visconde Ernest de. *Seis semanas nas minas de ouro do Brasil*. [1889]. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1997.
- MARCONDES, Sandra. *Brasil, amor à primeira vista!* São Paulo: Peirópolis, 2005. 343 p.
- MARTINS, Marcos Lobato. *História e meio ambiente*. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2007.
- MIRANDA, Luiz Francisco Albuquerque de. O sertão dos viajantes. In: *Anais do XIX Encontro Regional de História ANPUH/SP*. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008. Cd-Rom.

- PINTO, Manuel Serrano. Aspectos da mineração no Brasil colonial. Pp. 27-44, *in*: LINS, Fernando Antonio Freitas; LOUREIRO, Francisco Eduardo de Vnes Lapido; ALBUQUERQUE, Gildo Araújo Sá Cavalcante de. *Brasil 500 anos: a construção do Brasil e da América Latina pela mineração*. Rio de Janeiro: CETEM/MCT, 2000.
- REIS, Artur César Ferreira. Apresentação. Pp. 19-21, *in*: CANSTATT, Oscar. *Brasil: terra e gente, 1871* [1877]. Trad. e notas de Eduardo de Lima e Castro. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.
- RENGER, Friedrich E. O quadro geognóstico do Brasil de Wilhelm Ludwig von Eschwege: breves comentários à sua visão da geologia no Brasil. *Geonomos* 13 (1, 2): 91-95, 2005.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil* [1833]. Trad. Leonam de Azeredo Penna. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974.
- . *Viagem às nascentes do rio São Francisco* [1847]. Trad. Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.
- . *Viagem pela província do Rio de Janeiro e Minas Gerais* [1830]. Trad. Vivald Moreira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- SILVA, Clarete Paranhos da. Naturalistas e viajantes brasílicos. *Comciência*, 77, 10 jun. 2006. Disponível em <<http://www.comciencia.br>>, acesso em julho de 2009.
- SPIX, Johann Baptiste von; MARTIUS, Karl Friedrick Philipp. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. [1823]. Vol. 1. Trad. Lúcia Furquim Lahmeyer. 3 ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Melhoramento, 1981.
- VOGT, Carlos. Viagem pelas crônicas (Editorial). *Comciência*, 77, 10 jun. 2006. Disponível em <<http://www.comciencia.br>>, acesso em julho de 2009.